



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

**ANA VIRGÍNIA CHAVES DE MELO**

**REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO RELIGIOSA A PARTIR DA SEMÂNTICA**  
**DISCURSIVA: UM OLHAR SOBRE O EVANGELHO DE JOÃO**

**João Pessoa**

**2016**

**ANA VIRGÍNIA CHAVES DE MELO**

**REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO RELIGIOSA A PARTIR DA SEMÂNTICA  
DISCURSIVA: UM OLHAR SOBRE O EVANGELHO DE JOÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Biblioteconomia da Universidade Federal da  
Paraíba como requisito parcial para obtenção  
do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar  
Carneiro de Albuquerque

**João Pessoa**

**2016**

M522r

Melo, Ana Virgínia Chaves de.

Representação temática da informação religiosa a partir da semântica discursiva: um olhar sobre o evangelho de João / Ana Virgínia Chaves de Melo. — João Pessoa, 2016.

43f.

Trabalho de Conclusão de Curso: Curso de Bacharelado em Biblioteconomia — Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque.

Biblioteca Central / UFPB

CDU: 316.776,32

**ANA VIRGÍNIA CHAVES DE MELO**

**REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO RELIGIOSA A PARTIR DA SEMÂNTICA  
DISCURSIVA: UM OLHAR SOBRE O EVANGELHO DE JOÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Coordenação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em 30 de novembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque - UFPB (orientadora)

---

Eliane Bezerra Paiva - UFPB

---

Edna Gomes Pinheiro - UFPB

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Inez Chaves de Melo (*in memoriam*) e a todos os que se tornaram pontes e forças para construir este trajeto tão turbulento e difícil até aqui.

## **Agradecimentos**

Ao Pai Eterno, Amor verdadeiro,  
ao Espírito Santo, minha companhia;  
a Jesus, o abraço que acolhia.  
A estes três agradeço primeiro.

E de tanto o que agradecer,  
desenhei uma travessia  
com o verso que se tecia,  
que me rende ao ser sucinta,  
pois nem todo papel e tinta  
diria bem meu parecer.

Até às pedras do caminho,  
escadas da minha história,  
deixam mais do que memória,  
das marcas ao sair do ninho.

E nesse dizer não dizente  
dou a Deus, graças e a glória,  
aos amigos, o afeto contente,  
e, assim, recomeço a trajetória,  
levando minha história à frente.

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. (João 20: 30-31)

## **Resumo**

Objetiva analisar as possíveis figuras e temas inseridos no texto do Evangelho de João a partir do seu contexto espaço-temporal de elaboração utilizando-se como base os princípios da semântica discursiva, como metodologia, a partir dos textos do Evangelho de João na tradução de João Ferreira de Almeida utilizada pelos adeptos do credo protestante como exemplo de texto religioso. Os resultados da análise proposta levantaram as seguintes categorias de classes temáticas no texto quanto à sua origem: cultura Judaica; língua original (grego e/ou hebraico); costumes romanos; simbologias de ritual da lei cerimonial judaica; Testemunho de Jesus como o Cristo. Percebeu-se a riqueza obtida no uso desta metodologia de representação temática a partir destas categorias, ampliando as possibilidades de compreensão do texto religioso (exegese); da construção de produtos de informação que agreguem tanto os temas como as figuras, tais como glossários, listas de cabeçalhos, tesauros, etc. como supúnhamos na proposição da pesquisa. Indica-se, dessa forma, um investimento posterior no sentido de completar a análise do livro como um todo, haja vista às possibilidades da sua utilidade para os estudiosos deste texto.

Palavras-chave: Representação da informação. Semântica discursiva. Evangelho de João.



## **Abstract**

Objective to analyze the possible themes and figures inserted in the text of the Gospel of John from the space-temporal context of preparation using as a basis the principles of discursive semantics. The methodology used was discursive semantics from the texts of the Gospel of John in the translation of João Ferreira de Almeida used by adherents of the Protestant creed as an example of religious text. The results of the review proposal raised the following categories of thematic classes in the text as to its origin: Jewish culture; original language (Greek and/or Hebrew); Roman customs; symbols of the Jewish ceremonial law ritual; Testimony of Jesus as the Christ. It was realized the wealth obtained from the use of this methodology of thematic representation from these categories, expanding the possibilities of understanding of religious text (exegesis); enabling the construction of information products that add both themes and figures, such as glossaries, lists of headers, thesauri, and others as we used to think in the research proposal. Indicates, in this way, a further investment in order to complete the analysis of the book as a whole, given the scope of its usefulness for scholars of this text.

**Keywords:** Thematic representation. Discursive semantics. John's Gospel.

## Lista de Quadros

<i>QUADRO 1 — Classe temática das figuras originadas da cultura Judaica</i>	<i>28</i>
<i>QUADRO 2 — Classe temática das figuras originadas das simbologias em rituais da lei cerimonial e civil judaica</i>	<i>32</i>
<i>QUADRO 3 — Classe temática das figuras originadas de costumes romanos</i>	<i>34</i>
<i>QUADRO 4 — Classe temática das figuras originadas da língua original (grego e/ou hebraico)</i>	<i>35</i>
<i>QUADRO 5 — Classe temática das figuras originadas das profecias messiânicas cumpridas em Jesus</i>	<i>39</i>
<i>QUADRO 6 — Classe temática das Figuras originadas da Geografia bíblica e suas características</i>	<i>42</i>
<i>QUADRO 7 — Classe temática das figuras geradas do testemunhar sobre Jesus como o Cristo</i>	<i>43</i>
<i>QUADRO 8 — Figuras, temas e discursivização relativa ao trecho de João 1: 1 - 18</i>	<i>45</i>

## Lista de figuras

<i>FIGURA 1 — Análise em semântica discursiva da narrativa da transformação da água em vinho</i>	<i>19</i>
<i>FIGURA 2 — Mapa cognitivo da superclasse relativa aos sistemas socioculturais que contextualizam a narrativa</i>	<i>48</i>

## Sumário

<b>1 Introdução</b>	<b>12</b>
<b>2 A representação temática de textos religiosos e a Bíblia como objeto de estudo</b>	<b>14</b>
<b>3 Traçados metodológicos</b>	<b>18</b>
3.1 A semântica discursiva como metodologia de representação temática	18
3.1.1 Figuras em teologia	19
3.2 O objeto de pesquisa escolhido: o evangelho de João	21
3.3 A aplicação da representação da informação sobre o texto bíblico	25
<b>4 Resultados e análises</b>	<b>27</b>
4.1 Superclasse relativa ao contexto sociocultural das narrativas:	28
4.1.1 Classes temáticas das figuras originadas dos costumes e cultura Judaica	28
4.1.2 Classe temática das figuras originadas de costumes romanos	33
4.1.3 Classe temática das figuras originadas do idioma original (grego e/ou hebraico)	35
<b>4.2 Superclasse linguagem e simbologia bíblicas e seus hipertextos</b>	<b>38</b>
4.2.1 Classe temática das figuras originadas das profecias messiânicas cumpridas em Jesus	39
4.2.2 Classe temática das Figuras originadas da Geografia bíblica e suas características	41
4.2.3 Classe temática das figuras geradas do testemunhar sobre Jesus como o Cristo	43
<b>4.3 As possibilidades da semântica discursiva para apoio da leitura e elaboração de resumos</b>	<b>44</b>
<b>4.4 A visualização da hierarquização dos temas através do mapeamento cognitivo</b>	<b>47</b>
<b>5 Considerações</b>	<b>50</b>
<b>Referências</b>	<b>51</b>

## 1 Introdução

Este trabalho é uma união de duas paixões, os estudos em representação da informação e a teologia na linha reformista. Ambas as marcas constituem uma parte importante nossa caminhada. Em 30 anos de ministério completados o ano que vem, 2017, nessa ávida busca pelo conhecimento das Escrituras Sagradas, sentimos falta de materiais que indexem os temas, que podem ser destacados nos textos bíblicos. Os manuais, enciclopédias e dicionários bíblicos apegam-se às palavras e seus significados gerais, mas não trazem temas e suas recorrências. Ao nos depararmos com a metodologia da semântica discursiva nos ocorreu a possibilidade de a aplicarmos à construção de um instrumento, que levasse à representação temática e ao apoio da exegese do texto bíblico.

A grande maioria de materiais de apoio teológico disponíveis realizam buscas por palavras. Mas, apesar dos recursos de bíblias eletrônicas, um elenco por temas derivados de elementos textuais é raro e, geralmente, tem cunho de reforço a alguma corrente teológica. Então, aplicar a semântica discursiva foi um ganho nesta área e, a nosso ver, promete muitos frutos. Certamente que atingirá a necessidade de conhecimento de um grande número de brasileiros, uma vez que temos no relatório do Censo 2010 do IBGE, 190.755.799 de brasileiros de religiosidade cristã declarada e, entre estes, 42.275.439 de profissão evangélica (IBGE, 2016, p. 1).

Como questão de pesquisa, temos, então: **qual a aplicabilidade da metodologia da semântica discursiva na representação temática de textos bíblicos?** Como objetivo geral, temos o seguinte: **analisar as possíveis figuras e temas inseridos no texto do Evangelho de João, a partir do seu contexto espaço-temporal de elaboração, utilizando como base os princípios da semântica discursiva.**

Os nossos **objetivos específicos** foram os seguintes:

- a) Identificar possibilidades de figuras existentes nas narrativas do texto bíblico do evangelho de João, a partir de sua origem espaço-temporal;

- b) Categorizar as figuras encontradas no texto bíblico estudado a partir de sua origem espaço-temporal;
- c) Levantar os temas subjacentes ao texto bíblico, a partir das figuras identificadas no evangelho de João;
- d) Descrever a discursivização relativa aos temas apontados na análise proposta do evangelho de João.

Compreendemos que o resultado deste trabalho poderá vir a ser utilizado de várias formas: na construção de produtos informacionais como glossários, lista de cabeçalho de assunto, tesouros e expandir estas possibilidades com elementos que deem apoio à própria interpretação do texto bíblico, tanto em relação à leitura e compreensão do texto bíblico, quanto em relação à elaboração de resumos.

A discursivização apontou um novo caminho de elaboração de resumos por categorias ou por narrativas. Nossa pretensão não foi sermos exaustivos, mas divisarmos as possibilidades do uso da metodologia da semântica discursiva em textos religiosos abrangendo o estilo composto e multifacetado da Bíblia Sagrada, que ora tem narrativa de fatos; outra, de parábolas; outra de doutrina; e, assim, segue uma riqueza de diversidade que lhe é característica.

## **2 A representação temática de textos religiosos e a Bíblia como objeto de estudo**

Inserida no campo da organização da informação, a representação temática da informação ocupa-se dos princípios e métodos de representação da informação, utilizando-se basicamente da indexação, resumos e linguagens de representação. A representação será a ponte entre o usuário e os documentos nos sistemas de informação. Um dos desafios da representação da informação é, portanto, a construção de linguagens: “a criação de linguagens para operar em contextos de produção e de busca de informação é, pois, parte constitutiva da preocupação com a funcionalidade dos sistemas de informação”(KOBASHI, 2007, p. 1).

Compor uma linguagem levará em conta várias perspectivas, desde as político-ideológicas, até às teórico-metodológicas. Entretanto, como sinaliza Kobashi (2007, p. 1),

[...] o acesso à informação depende da linguagem para haver intercomunicação entre sistema e usuário. Desse modo, qualquer que seja a perspectiva teórica adotada, o porquê, o para quê e o para quem se organiza informação determinam sua construção.

Em essência, a linguagem é a mediadora entre o usuário da informação e o sistema que a detém. Como instrumentos de mediação, as linguagens documentárias incubam dois gérmenes essenciais à representação: “1) representar o conhecimento escrito e 2) promover interação entre o usuário e dispositivo” (KOBASHI, 2007, p. 2). Tornam-se, portanto, elementos de interação e diálogo.

Desde a agregação das teorias linguísticas de Saussure (1973), à agregação da interdisciplinaridade de campos como Psicolinguística, Sociolinguística, Análise de discurso e Terminologia, mantém-se a ideia de que subjaz ao texto abstrato um conteúdo concreto, que se exprime no abstrato. Esta ideia perdurou durante todo o século XX. Neste ponto, se distingue a linguagem documentária da linguagem natural, chamando-a de linguagem artificial:

Este pressuposto autoriza integrar a Linguagem documentária ao conjunto das linguagens artificiais, aquelas que não desempenham todas as funções da linguagem natural. No caso da linguagem documentária, sua função é informativa: tratar e recuperar informação para estabelecer intercomunicação entre usuário e sistema. A linguagem documentária assumirá características estruturais próprias para dar conta das funções informacionais (KOBASHI, 2007, p. 2).

A partir da década de 50, a virada pragmática trouxe o foco para o uso da língua. Este fato repercutiu sobre as linguagens documentárias. Assinala Kobashi (2007, p. 3):

A introdução do conceito de Termo Preferido, nos Tesouros documentários, é um bom exemplo de escolha pragmática, ou seja, da incorporação do extralinguístico à estruturação das linguagens documentárias contemporâneas. O reconhecimento da variação e da equivalência semântica, mesmo em domínios especializados, e sua incorporação às teorias de construção de linguagens documentárias é fator que garante, de fato, a comunicabilidade dos sistemas de informação.

Temos, agora, o uso da língua como centro, procura-se o sentido que o outro percebe. Esta é também a virada do usuário, onde o profissional da informação procura representar a partir do sistema de compreensão do usuário e sua comunidade, visão que vai se ampliando com o tempo.

A história aponta Peirce (1977) e Bakhtin (1979) como duas vertentes de compreensão baseadas em perspectivas teóricas antagônicas (pragmatismo x marxismo), em pleno período da Guerra fria, que influenciam drasticamente as reflexões sobre as linguagens documentárias. Seguem a inauguração da Socioterminologia na compreensão dialógica da linguagem e a Teoria Geral da Terminologia (TGT), o usuário é cada vez mais empoderado e servido pela representação da informação e não mais o representador da mesma. Surgem as folksonomias, como um aporte liberador destes novos destinos dos sistemas de informação.

A semântica surge abraçando esta perspectiva do dar sentido, da comunicação, dos sistemas de troca para servir os usuários. Segundo Kobashi (2007, p. 4),

[...] a Semântica requer olhar atento. Ela tem por objeto a descrição das significações próprias às línguas (TAMBA-MECZ, 2006). É um campo teórico amplo, não homogêneo [...]. [Por exemplo,] a teoria

dos campos semânticos, [...] segundo o qual o vocabulário de uma língua se compõe de subconjuntos estruturados de campos. [...] suplanta a ideia de que a língua é uma simples soma de vocábulos [...]

Noções e relações entre noções compõem um todo, que se inter-relaciona e dá sentido a cada termo dentro do sistema em que se insere. Essa teia intrincada de sentidos dinâmicos transforma o sistema representacional em um recorte da realidade no tempo-espaço. O seu sentido é dado pelo entorno em que se reflete, como cristais são prismados diante da luz. Os termos, assim como as palavras, ganham seus significados a partir dos contextos relacionais. E estes significados carregam valores relacionais, que implicam em hierarquia. A inaceitável ambiguidade é combatida com todas as forças para que a cada significante haja apenas um significado. Esta dinâmica, ainda que buscada e admitida, é também a marca da limitação da linguagem documentária. Pois o sistema de comunicação tende a alterar-se mais rápido do que o próprio sistema. Sendo estes os pressupostos atuais das linguagens de representação, que retratam o cerne das ações da representação da informação.

Então, podemos dizer que todo o artifício da representação e das linguagens de representação deriva de seus pressupostos e características. Albuquerque (2013, p. 46) descreve com extrema clareza e profundidade as características fundamentais da representação da informação, as quais “[...] residem na substituição do texto do documento por sua descrição abreviada, utilizada como um artifício para recuperar o que é essencial no documento, isto é, o tema”. Dessa forma, através dos processos de análise de assunto do documento e na construção de uma linguagem documentária, constrói-se uma estrutura, que permite aos usuários recuperarem a informação em sistemas com este fim. Cada campo de saber é, então, estruturado em compreensão hierárquica, através de classes, nas quais são aglutinados os temas contidos nos documentos. São comuns o uso de estruturas hierárquicas de classificação os sistemas de Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), idealizada por Paul Otlet e La Fontaine.

Neste trabalho, procuramos utilizar como base da representação itens subjacentes à significação do texto religioso bíblico, que não são comumente



considerados na sua representação, tais como a figura textual recuperada a partir do sentido do texto original grego e/ou da cultura judaica e romana, à época da narrativa.

Tomar a bíblia como objeto de estudo é desafiador e, ao mesmo tempo, apaixonante, dado tantos títulos que detém, como o de ser o livro mais vendido/lido do mundo, com 5 bilhões de unidades vendidas; o livro de mais antiga impressão mecânica no mundo, a bíblia de Gutenberg; e uma parte dela, o livro dos salmos, sustentar o título de livro mais caro do mundo (RICHARDS, 2016a, 2016b, 2016c).

Na realidade, considerando-se somente a parte validada pelos teólogos cristãos protestantes e católicos como sendo de inspiração divina (livros canônicos), a bíblia é uma biblioteca constituída por 66 livros, que relatam história, profecia, poesia e doutrina, onde se pode encontrar um apontamento central para a figura de Jesus, como o Cristo (Messias). Este conjunto de livros foi reunido durante um período de cerca de 1.200 anos e escrito por aproximadamente 40 autores diferentes (EARL; HALLEN; HOUSE, 2010; WIERSBE, 2006).

Assumindo ser o tema central da bíblia a manifestação de Jesus como o Cristo de Deus, nada mais justo do que escolher um dos evangelhos como objeto de estudo, uma vez que eles tratam da narrativa da manifestação do nascimento, vida, morte e ressurreição do Messias de Israel. Dentre eles, o mais peculiar, o evangelho de João, assume uma missão fundamental no processo de desvelamento da escritura sagrada, que está descrita no evangelho de João, capítulo 20, versículos 30 e 31: “[...] para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”. (João 20: 30-31b).

Mais detalhes serão acrescentados sobre autoria, datação, conteúdo e ambiente do texto a ser representado, na descrição do objeto de estudo, no item relativo aos traçados metodológicos.

### 3 Traçados metodológicos

O percurso metodológico deste trabalho dá-se sobre a agregação da ideia de figuras e temas da semântica discursiva e das figuras e símbolos do texto religioso apresentado na bíblia Sagrada, de onde destacamos parte do Evangelho de João como amostra de trabalho para verificar quais as implicações dessa associação na análise e representação deste tipo de texto.

#### 3.1 A semântica discursiva como metodologia de representação temática

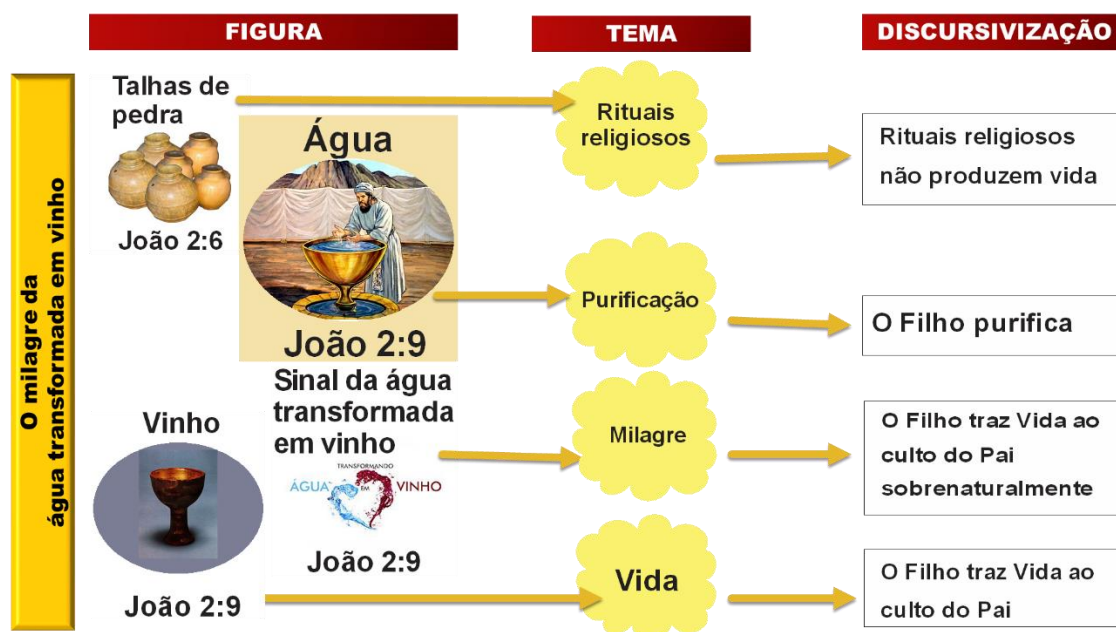
Segundo Albuquerque (2013, p. 40), a semântica discursiva

Tem como componente a tematização — elementos abstratos presentes no texto — e a figurativização — elementos concretos presentes no texto — que dão concretude ao tema. As figuras do texto formam uma rede, uma trama; e, para entendê-las, é necessário conhecer o primeiro nível temático que, como o nível figurativo, são palavras e expressões, que apresentam traços comuns de significação e que podem ser agrupados. Esses traços comuns podem ser reduzidos a uma oposição semântica. É a partir desta oposição que se constrói a estrutura fundamental.

Os textos tendem, ora à concretude da figurativização, ora à abstração da tematização. Os primeiros, criam relações mais descritivas da realidade; os segundos tendem a “explicar, classificar e ordenar a realidade, significativamente, estabelecendo relações de dependências” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 41). A relação entre figura e tema; concreto e abstrato; signo e sentido são entrelaçadas. É uma mistura combinada indissolúvel, onde as figuras, carreando seus temas, se entrelaçam em redes de sentido, descrevendo micromundos.

Tomaremos um exemplo gráfico para exemplificarmos um trecho da aplicação da semântica discursiva somente sobre a narrativa do advento da transformação da água em vinho na Figura 1.

**FIGURA 1 — Análise em semântica discursiva da narrativa da transformação da água em vinho**



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Simbolizando as figuras semânticas através de símbolos gráficos procuramos remeter às imagens mentais enraizadas na cultura do povo judaico à época de Cristo com relação às figuras formadoras da cena narrada do milagre. Podemos observar a discrepância de figuras como água e vinho e o desconhecimento das talhas de pedra na nossa cultura ocidental atual. Enquanto água poderia remeter à sede, a associação da água e das talhas de pedra dá uma conotação da purificação ritual diária dos judeus ao lavar-se para comer e da purificação necessária ao culto, através da bacia da purificação no átrio do templo. O vinho era utilizado em rituais de aliança como símbolo de vida. Beber da mesma taça conotava união de vidas. São simbologias e valores desconhecidos e/ou desusados na nossa cultura, tempo e espaço, que dão ao texto narrado um sentido muito mais profundo e coerente com a mensagem geral a que se propõe.

### 3.1.1 Figuras em teologia

No cuidado de aplicarmos a semântica discursiva ao nosso objeto, para entrar na esfera de sentidos da Teologia, convém estarmos alertas ao fato de o termo “figura” já

é utilizado em Teologia. Nos dois âmbitos, a figura refere-se ao concreto, que carrega o gérmen do abstrato dentro de si. Entretanto, no caso da Teologia, a ênfase é na mensagem simbólica codificada na revelação do Velho Testamento para ser revelada em Jesus, no Novo Testamento. Por exemplo, no deserto, o povo estava sendo atacado e abatido por serpentes, então, Deus deu a seguinte ordem: “Disse o SENHOR a Moisés: Faze uma serpente abrasadora, põe-na sobre uma haste, e será que todo mordido que a mirar viverá” (Números 21:8). Jesus, ao ensinar, retoma a figura bíblica e declara profetizando sobre a cruz, 1.200 anos depois: “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna” (João 3:14-15). As figuras da serpente (1ª. Figura) levantada na haste (2ª. Figura) remetem a Jesus recebendo a condenação do pecado, que é a morte, a ser pregado futuramente na cruz. A mensagem, ou a discursivização, é que ver ou visualizar o pagamento dos pecados em Jesus na cruz (assumindo o pecado e a maldição) e crer que esse pagamento é suficiente e eficaz, traz a libertação do perdão e a vida eterna.

A estrutura da figura bíblica está explicada em Hebreus, capítulo 8, versos 4 e 5:

Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei, os quais ministram **em figura e sombra das coisas celestes**, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte (Hebreus 8:4-5, grifo nosso).

A partir deste texto e de Hebreus 9:24, toma-se como princípio de hermenêutica bíblica a “figura”, ao remeter-se, a partir de uma ação concreta do passado, no antigo testamento, a uma ação em Jesus no presente da narrativa de sua vida. Esta preexistência nos deu um tipo de figura semântica, a de remetência profética, indicando símbolos do Velho testamento, que se cumpriram em Jesus, tanto quanto a das profecias específicas, que são atribuídas ao cumprimento nEle.

Segundo Melo (1989, p. 13) “na exposição da mensagem de Deus, a Bíblia usa linguagem figurada ou simbólica, que pode ser entendida pelo contexto ou pela

comparação de outras passagens no mesmo assunto”. É um princípio de hermenêutica bíblica que é utilizado aqui. O autor indica ainda o uso de figuras linguísticas, tais como:

- metáforas — objeto tomado por outro;
- símiles — comparações;
- metonímias — uma coisa tomada por outra com relação de causa e efeito e efeito pela causa;
- hipérboles — exagero da realidade para maior ou menor;
- ironias — pensamento com sentido oposto ao significado literal;
- antropomorfismos — Deus recebendo características humanas;
- tipos — algo que representa eventos futuros;
- símbolos — objeto físico que representa ideias espirituais;
- alegorias — narrativa em que se personificam animais e coisas e em que cada parte apresenta-se um valor simbólico; e
- parábolas — pessoas e fatos em contos que representam verdades morais e espirituais. (MELO, 1989, p. 13)

### **3.2 O objeto de pesquisa escolhido: o evangelho de João**

Para verificar as possibilidades de aplicação da semântica discursiva ao texto bíblico, tomamos um dos livros que possui um facilitador essencial, o Evangelho de João, pois o mesmo declara diretamente a que se propõe ao fazer a seleção da narrativa de fatos envolvendo a vida de Jesus. O registro do objetivo está no evangelho de João, capítulo 20, versículos 30 e 31, que registramos na epígrafe do trabalho. O livro foi escrito para que todos creiam que Jesus é o Cristo e que, crendo nEle tenham vida eterna. Esta clareza de objetivo facilita a análise semântica do texto para verificar as possibilidades da aplicação da metodologia.

É voz corrente entre os autores em Teologia, praticamente uma unanimidade realmente, que o evangelho de João foi escrito pelo apóstolo João, um dos doze seguidores mais próximos de Jesus. Teney (1995) apresenta o evangelho de João como o mais peculiar no conjunto dos evangelhos, por sua estrutura e estilo. Não contém parábolas e apresenta apenas sete milagres. Entretanto, cinco desses milagres só

aparecem nele. Procura descrever as características de Jesus através de relatos de conversas pessoais. Mas este tipo de abordagem é totalmente coerente com seu objetivo de elaboração:

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. (João 20:30-31)

A teologia tem uma ampla concordância a respeito do autor, mas não do local de sua elaboração, Teney (1995) aponta a estadia de João em Éfeso. João relata indícios sobre si mesmo no próprio relato do evangelho, tais como: ser judeu, o que implica um pensamento na lógica da cultura judaica e na língua araimaca ou hebraica, apesar de o evangelho haver sido escrito em grego, língua oficial da dominação greco-romana. Isto é demonstrado pela inserção de várias palavras aramaicas no texto grego e conhecimento de sentimentos, ações culturais e posturas da cultura judaica à época de Jesus. Sua descrição geográfica é precisa e rica de conexões culturais. E sempre se reportava aos acontecimentos narrados como participante.

Filho de Zebedeu, pescador, sócio dos irmãos pescadores, esteve sempre o mais próximo de Jesus possível, confundiu-se com a proposta do evangelho como os demais (ver Mateus 20:20-28, onde pediu um lugar de destaque no poder do reino vindouro). Também acompanhou de longe o julgamento e achegou-se a Jesus na crucificação, assumindo a responsabilidade do sustento da mãe de Jesus. Após sua morte, manteve-se no luto e na busca da ressurreição de Jesus, sendo o primeiro a chegar ao túmulo aberto. Além deste texto, João escreveu mais três cartas falando o amor na igreja.

Quanto à datação deste texto, Teney indica o período entre 40 d. C. e 140 d. C. Segundo Teney (1995, p. 197):

A descoberta do fragmento de Rylands, que preservava um pedaço de João estava provavelmente em uso na primeira metade do segundo século. Goodenough sustenta que João pode ter sido escrito muito cedo, aí por 40 d. C., ainda que poucos eruditos aceitem uma data tão primitiva. A melhor solução parece ser a que sustenta que João tenha escrito na Ásia Menor, possivelmente em Éfeso, pelos fins do primeiro século, quando a igreja tinha atingido uma certa medida de maturidade, e, quando havia necessidade de avançar no ensino do que

dizia respeito à natureza da fé. Parece ter escrito em um ambiente gentílico, pois as festas e costumes judeus são explicados em benefício daqueles que não estavam familiarizados com elas [...].

Este posicionamento a partir do papiro de Rylands é indicado por Radmacher, Allen e House (2010), mas relatam que essa afirmação foi refutada por Roberts, nos seus achados, em 1935. Estes autores relatam que os eruditos conservadores geralmente o colocam entre 85 e 95 d. C. O que seria mais viável, considerando-se a expectativa de vida da época, principalmente para um líder cristão em plena perseguição romana.

Enquanto livro histórico, sua credibilidade é validada em testes, como quaisquer outros documentos históricos: nos testes bibliográficos, no das evidências internas e no das evidências externas. Entendemos que os testes bibliográficos já apontam credibilidade suficiente ao texto bíblico, e estender por outros testes sairia do escopo do trabalho.

#### O teste bibliográfico é

[...] um exame da transmissão textual pela qual os documentos chegam até nós. [...] qual a credibilidade das cópias que temos em relação ao número de manuscritos e ao intervalo de tempo transcorrido entre o original e a cópia existente? (McDOWELL, 1996, p. 49)

Quanto a este teste, o Novo Testamento, onde se insere o Evangelho de João, possui o primeiro lugar em relação aos livros antigos, possuindo 5.300 manuscritos gregos do Novo Testamento (que inclui o Evangelho de João); mais de 10.000 manuscritos da Vulgata Latina (bíblia em latim) e, pelo menos 9.300 de outras antigas versões, além de mais de 24.000 cópias de porções do Novo testamento. O segundo livro em relação a estas provas é a Ilíada de Homero, com 643 cópias sobreviventes até hoje (McDOWELL, 1996). Enquanto que 5% das Ilíadas são criticadas como alteradas, somente 0,5% do Novo Testamento é criticado como alterado por edições posteriores.

O Velho testamento não possui tantos exemplares quanto o Novo, A sua comprovação maior, além de seus 900 exemplares preservados, foi dada com a descoberta dos Rolos do Mar Morto, anteriores à época de Cristo. A sua fidelidade se indica pelo trabalho dedicado e zeloso dos talmudistas, que tratavam cerimonialmente

este trabalho de copistas entre 100 a 500 a.D, os quais estabeleciam entre os pré-requisitos para a cópia que

[...] (8) Deve-se fazer a cópia a partir de uma cópia autêntica, da qual o transcritor não deve se desviar de modo algum. (9) Não se deve transcrever nenhuma palavra ou letra, nem mesmo um iode, de memória, isto é, sem o escriba tê-lo visto no códice diante de si [...] (16) Não começar a escrever o nome de Deus com uma pena recém mergulhada na tinta, (17) e caso um rei se dirija a ele enquanto está escrevendo o nome de Deus, não deve dar atenção ao rei. (DAVIDSON, 1859 apud McDOWELL, 1996, p. 66).

Os massoretas, editores e padronizadores da tradição hebraica entre 500 a 900 a. D., acrescentaram a sinalização vocálica, que permitia a pronúncia correta e um elaborado sistema de segurança contra falhas de cópia através de contagem de vocais e consoantes e posições das letras para verificarem a autenticidade das cópias produzidas. Este cuidado foi registrado pelo historiador Flávio Josefo, quando afirma:

Qual grego suportaria tanto pela mesma causa? Mesmo para salvar toda a coleção de escritos de sua nação, ele não enfrentaria o menor dano para si mesmo. Pois para os gregos, sua literatura são simples histórias inventadas de acordo com a fantasia de seus autores;[...]" (JOSEFO, 1960 apud McDOWELL, 1996, p. 70).

Todo este trabalho dos Talmudistas e Massoréticos foi corroborado com os Rolos do Mar Morto, que confirmaram o Velho Testamento em cópias encontradas em 1935 e desvendadas até 1956. A coleção de 350 obras inclui 900 documentos, dentre os quais 233 cópias das Escrituras Sagradas Hebraicas, que confirmam o texto do Velho Testamento, sendo datados de antes de 200 a. C. Livros como o de Isaías, por exemplo, contam com identidade total com o atual. Assim, o Evangelho de João ao citar ou referenciar o livro de Isaías ou o Pentateuco, por exemplo, mantém sua autenticidade.

Em relação ao contexto histórico em que descansa este livro, a Bíblia de Estudos Arqueológica (BÍBLIA..., 2013) indica o seguinte cenário histórico que acompanha o cenário do texto narrativo e sua elaboração:

— Reinado de Herodes, o Grande (37 a. C a 10 a. C)



- Nascimento de Jesus (5 ou 6 a. C)
- Fuga de Jesus para o Egito (4 ou 5 a. C)
- Início do ministério de João Batista (26 d. C)
- Início do ministério de Jesus (26 d. C)
- Morte, ressurreição e ascensão de Jesus (30 d. C.)
- Conversão de Paulo (35 d. C.)
- Redação do Evangelho de João (89 a 95 d. C.)
- Exílio de João em Patmos (89-95 d. C.)

Em termos de estrutura lógica de apresentação da argumentação de João, Wiersbe (2006, p. 364) apresenta da seguinte forma:

Tema-chave: Jesus é o Cristo; creia e viva!  
 Versículo-chave: João 20:31  
 I Oportunidade – Capítulos 1:15 – 6:71 [...]  
 II Oposição – Capítulos 7 – 12 [...]  
 III Resultados – Capítulos 13 – 21 [...]

Então, considerando nosso objeto de estudo suficientemente apresentado, nos ateremos à aplicação da representação da informação sobre o texto citado, a partir da semântica discursiva.

### **3.3 A aplicação da representação da informação sobre o texto bíblico**

Entre itens considerados essenciais no contexto, que sugerem sentido ao texto, elencamos:

- Os elementos socioculturais envolvidos na narrativa
  - os sistemas socioculturais judaico e romano;
  - os termos originais em grego e hebraico;
- A linguagem e a simbologia bíblicas e seus hipertextos
  - as figuras linguísticas utilizadas pelo autor; e

- o remeter das profecias messiânicas da Antiga Aliança ou Antigo Testamento para o cumprimento em Jesus, o Cristo
- o testemunho de Jesus como o Cristo;
- e as figuras relacionadas da História e Geografia bíblica e suas características.

As figuras são, então, elaboradas como base para os temas a partir dessas categorias, resgatadas de material teológico e, com a ajuda da Bíblia Eletrônica e-Sword<sup>1</sup> (MEYERS, 2016), que conta com o dicionário de grego mais conhecido e utilizado no mundo teológico, o Dicionário de Strong de grego e hebraico, além de oferecer também a ajuda da obra *Robertson's Word Pictures*, que foca nas figuras ou simbologias inseridas no texto bíblico a partir do grego original, enriquecendo o sentido do contexto e, por consequência o significado que leva ao tema. Outro apoio bibliográfico importante foi a *Amplified Bible* (1987), que se explica por seu subtítulo: “*captures the full meaning behind the original greek and hebrew*”. Obviamente, muitos outros materiais foram utilizados para tecer essa trama de sentidos, mas estes foram os protagonistas da compreensão proposta.

A tematização ocorre como em qualquer outro material, elencando os temas sugeridos das abstrações das figuras e a discursivização indica o sentido do tema no contexto da direção temática central do texto como apresentado.

---

<sup>1</sup> A Bíblia eletrônica e-Sword encontra-se disponível para download gratuito em <<http://www.e-sword.net/files/setup1106.exe>>, com os módulos disponíveis e a versão da tradução de João Ferreira de Almeida Atualizada em Português.

## 4 Resultados e análises

A análise foi realizada por capítulo e limitada a uma parte do evangelho de João, dois capítulos, que compreendem 20% do texto, pois uma pesquisa levantando todo o livro estaria muito além do escopo do trabalho ora requerido.

O capítulo 1 do Evangelho de João relata as seguintes narrativas:

- Deus se revela no Filho (João 1: 1-18);
- O testemunho de João Batista (João 1: 19-28);
- O Cordeiro de Deus é anunciado (João 1: 29 – 34);
- Jesus chama os primeiros discípulos (João 1: 35 – 51).

O capítulo 2 do Evangelho de João relata as seguintes narrativas:

- O casamento de Caná (João 2: 1-12);
- A purificação do templo (João 2: 13-25);

Pudemos perceber duas superclasses: A primeira, caracterizada pelo **contexto sociocultural**, que inclui as classes temáticas compostas pelos sistemas culturais judaicos e romanos e o idioma de origem da escrita, a classe proveniente das figuras das línguas originais grega e hebraica; e a segunda, caracterizada pela **linguagem e simbologia bíblicas e seus hipertextos**, com as classes de linguagem e simbologia bíblica propriamente dita; a intertextualidade interna da bíblia, incluindo cumprimento de profecias; a História e Geografia bíblicas; e os testemunhos de Jesus como o Cristo.

Assim, o tempo-espço sociocultural foi buscado para dar concretude aos escritos bíblicos e possibilitar uma representação da informação mais ligada ao texto como escrito em seu momento inicial.

#### 4.1 Superclasse relativa ao contexto sociocultural das narrativas:

Descreve o estudo das figuras relativas ao contexto sociocultural que envolvia o escritor e os leitores da época em que foi escrito. Os costumes e cultura envolvidos na civilização judaica e romana

##### 4.1.1 Classes temáticas das figuras originadas dos costumes e cultura Judaica

Iniciamos os estudos com as figuras trazidas do contexto cultural em que a obra foi produzida, as figuras originadas da cultura judaica.

#### QUADRO 1 — Classe temática das figuras originadas da cultura Judaica

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Origem		
CAPÍTULO 1				
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	NO PRINCÍPIO (JOÃO 1:1)	Gr. <i>en archēi</i> / Orig. He. <i>be reshith</i> — forma de referir-se à criação e ao livro de Gênesis, literalmente, “Inícios”.	Origem atemporal de Jesus — Cristologia	O Filho tem a natureza do Pai
O testemunho de João Batista — João 1:19-28	CRISTO (JOÃO 1:20)	Gr. <i>Christos</i> / Orig. He. <i>Masiah</i> —O Ungido, o esperado Rei Salvador definitivo da nação de Israel (STRONG, 2009; WIERSBE, 2006, p. 370)	O Cristo, o Messias de Israel — Cristologia	O Filho de Deus é o Rei libertador de Israel, o Messias, o Cristo

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Origem		
O testemunho de João Batista — João 1:19-28	FARISEUS (JOÃO 1:24-25)	Gr. <i>Pharisaïos</i> / Orig. He. <i>pârâsh</i> — separados — religiosos que fundamentavam a relação do homem com Deus em rituais religiosos e declaravam-se a si mesmos santos (separados) (KASCHEL; ZIMMER, 1999, p. 131)	Revelação de Deus — Ritualismo religioso	O Filho é rejeitado por religiosos ritualistas
O testemunho de João Batista — João 1:19-28	DESATAMENTO DE CORREIAS DAS SANDÁLIAS (JOÃO 1:26-27)	Gr. <i>hou ouk eimi axios hina lusô autou ton himanta tou hupodēmatos</i> — costume de o menos importante servo da casa tirar as sandálias dos hóspedes ilustres e lavar-lhes os pés na sua chegada à casa. Devido crenças de que esta era a parte mais indigna do corpo. (HADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 226)	Serviço ao Rei (Cristo, Messias) - Cristologia	O Filho foi anunciado como Cristo
O Cordeiro de Deus é anunciado — João 1: 29 – 34	POMBA (JOÃO 1:32)	Gr. <i>Peristera</i> — pomba — os judeus tinham a pomba como símbolo do Espírito Santo. (ROBERTSON, 2015, p. 432)	Espírito Santo — Pneumatologia	O Filho tem o Espírito do Pai
Jesus chama os primeiros discípulos — João 1: 35 – 51	FIGUEIRA (JOÃO 1:48-49)	Gr. <i>Suke</i> — figueira. ref. Hábito de os judeus orarem e meditarem sob a figueira, que pela sua folhagem espessa dava boa sombra. Árvore de importância em Israel por seus frutos muito apreciados. Sendo símbolo de Israel em parábolas e profecias do Velho testamento. (DANIEL-ROPS, 1988) ver Juízes 9:10; Joel 1:7.	Conhecimento sobrenatural — Poder de Deus — Cristologia	O Filho vê o que o Pai vê
CAPÍTULO 2				

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Origem		
O casamento de Caná (João 2: 1-12)	CASAMENTO (JOÃO 2: 1)	<i>Gr. Gamos</i> — casamento, aliança entre um homem e uma mulher e suas famílias. Simbolizava a união de vidas, indissolúvel, a não ser pela morte ou quebra da aliança pelo adultério (ver Mateus 19; 22: 28-30), uma figura da relação entre Cristo e os cristãos na igreja (ver Efésios 5:25 a 32)	Sacramento — casamento / Aliança	O Filho sustenta a nova aliança
O casamento de Caná (João 2: 1-12)	TALHAS DE PEDRA (JOÃO 2: 6)	<i>Gr. Hudria Lithinos</i> — jarras de pedra ref. jarra com água utilizada no costume dos judeus lavarem as mãos antes das refeições para lavar as possíveis impurezas dos contatos com os impuros na rua, principalmente os gentios. (Ver Mateus 15: 1-2) — (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010)	Rituais religiosos judaicos	Rituais religiosos não produzem vida
O casamento de Caná (João 2: 1-12)	ÁGUA (JOÃO 2:9)	<i>Gr. Hudor</i> — água — elemento simbólico da purificação ritual física, pela lavagem, e abstrata, pelo dar ouvidos à Palavra de Deus (ver Efésios 5: 25-26)	Purificação	O Filho purifica
O casamento de Caná (João 2: 1-12)	VINHO (JOÃO 2:9)	<i>Gr. Oinos</i> — vinho — alegria (ver Salmo 4:7); vida, sangue (ver Lucas 22:20)	VIDA	O Filho traz Vida
O casamento de Caná (João 2: 1-12)	SINAL DA TRANSFORMAÇÃO DA ÁGUA EM VINHO (JOÃO 2:9)	<i>Gr. Semeion + hudor en oinos</i> — milagre da água transformada em vinho — purificação que dá vida e alegria	Milagre	O Filho traz poder e vida ao culto do Pai

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Origem		
A purificação do templo (João 2: 13-25)	VENDEDORES NO TEMPLO (JOÃO 2: 14)	<i>Gr. Póleo</i> — vender, trocar — A Lei de Moisés não admitia animais impuros ou imperfeitos para os sacrifícios, logo estes eram inspecionados para serem aceitos ou não, função dos sacerdotes do templo. Alguns precisavam pagar em dinheiro as ofertas porque moravam longe, mas as moedas romanas eram cunhadas com a imagem do deus imperador, o que as tornava inaceitáveis no templo. Assim, vendedores e cambistas trocavam tais moedas no átrio do templo. O problema era que eles eram desonestos e cobravam muito caro o dinheiro e os animais do templo. (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010)	FRAUDE RELIGIOSA	O Filho rejeita a fraude sobre a fé
A purificação do templo (João 2: 13-25)	CAMBISTAS NO TEMPLO (JOÃO 2: 14)	<i>Gr. kermatistês</i> (Ver figura Vendedores no templo)	FRAUDE RELIGIOSA	O Filho rejeita a fraude sobre a fé
A purificação do templo (João 2: 13-25)	CASA DE NEGÓCIOS (JOÃO 2:16)	<i>Gr. Oikos emporion</i> — casa de negócios — tem conotação escusa. Casa de fraude. Ao declarar que o templo era a casa de seu Pai, Jesus declarou-se o Messias. Ver Salmo 69:9;	FRAUDE RELIGIOSA	O Filho rejeita a fraude sobre a fé

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

João utilizou-se fartamente da tradução de sentidos hebraicos para o grego em suas figuras. Recuperar estes sentidos deu um potencial de representação mais acurado, assim como aprofundou as próprias possibilidades de interpretação do texto bíblico. A semântica discursiva deu uma orientação à busca de sentido, que enriqueceu o significado e possibilitou uma representação sem a qual não seria tão consistente.

Esta categoria, especificamente, agrega o sentido do tempo-espço de uma forma sintética e, ao mesmo tempo, profunda, pois permite alargar as conclusões sobre o texto original enquanto escrito datado de cerca do primeiro século da era cristã em um país em outro continente, sob dominação de outra nação.

Um dado específico da cultura judaica foi apresentado em um quadro próprio por ele mesmo estar relacionado a conteúdo bíblico. Estas classes temáticas apresentadas a seguir dizem respeito das figuras originadas das simbologias em rituais da lei cerimonial judaica descritos no velho testamento (ver Quadro 2):

**QUADRO 2 — Classe temática das figuras originadas das simbologias em rituais da lei cerimonial e civil judaica**

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
CAPÍTULO 1				
O testemunho de João Batista — João 1:19-28	BATISMO COM ÁGUA (JOÃO 1: 26-27)	<i>Gr. Baptizo en hudor</i> - imersão em água — purificação (ver Números 8:7; 9: 12-13, 20; João 2: 6)	Batismo na água — Cristologia	O Filho lava e purifica os homens
O Cordeiro de Deus é anunciado — João 1: 29 – 34	CORDEIRO DE DEUS (JOÃO 1:29)	<i>Gr. Amnos Theos</i> — Cordeiro de Deus — sacrificar um cordeiro para substituir a condenação à morte do pecador (ver Hebreus 9:11-14; Êxodo 12; Levítico 3:7-8; Levítico 4:25-34; Números 6:13-14)	Expição — Doutrina da redenção	O Filho entrega a vida ao Pai substituindo o sacrifício dos homens



Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	TESTEMUNHA (JOÃO 1:7,9)	<i>Gr. Martura</i> — prova judicial de algo e/ou testemunha. Uma testemunha em perjúrio estava sujeita a receber a mesma pena que tentava impor ao que acusava (STRONG, 2009; ver 2 Deuteronômio 19: 16-19)	TESTEMUNHA DO FILHO DE DEUS — MESSIANOLOGIA	O Filho tem testemunhas da sua veracidade

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

Os rituais da imersão em água e do sacrifício do Cordeiro são referências à purificação e a expiação do pecado obtidos pela entrega da lavagem da água e da vida de um animal para purificação e compensação pela impureza e dívida para com a Lei de Deus advinda do pecado. São indícios do velho testamento da necessidade de purificação e cumprimento da pena que seriam executados sobre o Ungido de Deus. Em si, estes atos rituais já são figuras semânticas e são utilizados como tal na atribuição a Jesus quando é apontado como cumpridor das promessas de purificação e expiação. Ao retomarmos a língua original, podemos formar imagens nítidas de um ato e de um ser concreto, que simbolizam fortes valores abstratos de mensagem. É possível imaginar-se a concretude ao retomarmos a língua original nestes termos e sua visualização fortalece os sentidos e as possibilidades de representação da informação.

#### 4.1.2 Classe temática das figuras originadas de costumes romanos

A cultura romana também está no entorno do contexto deste livro. Era vivida a dominação romana em sua extensão de domínios no tempo de Jesus. Para expressar-se, João Batista retoma tanto a profecia de Isaías, em 750 a. C., quanto o costume romano do anúncio pelo arauto

da chegada do rei às cidades para que fosse devidamente recebido com aclamações e homenagens. Descrevemos esta figura no Quadro 3, a seguir:

**QUADRO 3 — Classe temática das figuras originadas de costumes romanos**

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
CAPÍTULO 1				
O testemunho de João Batista — João 1:19-28	A VOZ NO DESERTO (JOÃO 1:23)	Gr. <i>Egō phōnē boōntos en tēi erēmōi</i> – / He. <i>Kole qârâ' midbâr</i> (ref Isaías 40:3) proclama mensagens em alta voz no deserto; — um arauto seguia sempre adiante do rei avisando da sua chegada nas cidades para que o recebam com aclamações. (HADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 225) ver Isaías 40:3	PRECURSOR DO CRISTO — CRISTOLOGIA	João Batista é o precursor do Cristo, Jesus
CAPÍTULO 2				
A purificação do templo (João 2: 13-25)	AZORRAGUE (JOÃO 2:15)	<i>Gr. Flagelion</i> — chicote utilizado em punições públicas romanas.	PUNIÇÃO	O Filho zela pela fidelidade no culto

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

Certamente que esta imagem impregnava e impregna os olhos de qualquer ouvinte, quer seja tomado o texto hebraico de 750 a. C. em Isaías ou a indicação de João referente a 34 d. C. anunciar o Cristo, era anunciar o rei e utilizar esta figura reforçava a forma como as pessoas deveriam receber Jesus, o Cristo. A transição entre o concreto e o abstrato é um reforço de sentido que a semântica discursiva traz ao texto e à representação da informação, neste caso, inserindo o valor cultural que tinha este anúncio com esta figura. Aqui, temos uma previsão do *flagelion*

ao qual Jesus vai se submeter na tortura prévia da crucificação. Ao denunciar o pecado e sua punição, Ele também a assume posteriormente. A figura da pena da purificação volta sobre o purificador mais tarde. Esta análise se torna possível ao destacarmos as figuras no texto pela análise da semântica discursiva.

#### 4.1.3 Classe temática das figuras originadas do idioma original (grego e/ou hebraico)

Por fim, nesta amostra, encontramos a sexta classe de figuras, apresentadas no quadro 6, aquelas que são originadas da imagem que é criada na língua original do escrito bíblico, sendo, quando possível, indicada a sua correlação no hebraico, língua do escritor, o apóstolo João, judeu.

**QUADRO 4 — Classe temática das figuras originadas da língua original (grego e/ou hebraico)**

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
CAPÍTULO 1				
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Verbo (João 1:1)	<i>Gr. Logos</i> — algo que é dito; argumento; expressão divina visível à humanidade. Diferencia-se da revelação individual e interna de um homem que percebe e aceita Jesus, o Cristo como seu senhor pessoal, que é a palavra <i>rhema</i> (STRONG, 2009).	Palavra de Deus — Cristologia	O Filho é a mensagem de Deus à humanidade

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Graça (João 1:14)	<i>Gr. Charis</i> — disponibilidade para dar que atua internamente e se expressa em atos continuamente, independente do merecimento do recebedor; alegria; benefício (STRONG, 2009)	Caráter de Deus — Cristologia	O Filho tem o caráter do Pai
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Verdade (João 1:14)	<i>Gr. Aletheia</i> — verdade / veracidade (STRONG, 2009)	Caráter de Deus — Cristologia	O Filho tem o caráter do Pai
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Corpo (João 1:14)	<i>Gr. Sarx</i> — corpo (STRONG, 2009)	Encarnação de Deus — Cristologia	O Filho de Deus foi feito homem
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Corpo (João 1:14)	<i>Gr. Sarx</i> — corpo (STRONG, 2009)	Origem atemporal de Jesus — Cristologia	O Filho tem a natureza do Pai
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Glória (João 1:14)	<i>Gr. Doxa</i> — glória visível, dignidade, honra, louvor, adoração (STRONG, 2009)	Poder de Deus — Cristologia	O Filho tem o poder do Pai
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Luz (João 1:7,9)	<i>Gr. Phos</i> — manifestar algo através de raios luminosos (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Cristologia	O Filho é a mensagem de Deus a todos
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Trevas (João 1:5)	<i>Gr. Skotia</i> — escuridão, ausência de luz (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Obscuridade	O Filho é rejeitado por alguns

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Lei (princípio) (João 1:17)	<i>Gr. Nomos</i> — norma; princípio (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Princípio da Lei	O Filho dá um novo princípio de relacionamento com o Pai, não o da Lei, mas o da graça
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Graça (princípio) (João 1:17)	<i>Gr. Charis</i> — disponibilidade para dar que atua internamente e se expressa em atos continuamente, independente do merecimento do recebedor; alegria; benefício (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Princípio da graça	O Filho dá um novo princípio de relacionamento com o Pai, não o da Lei, mas o da graça
Deus se revela no Filho — João 1: 1-18	Deus Unigênito (João 1:18)	<i>Gr. Theos Monogenes</i> — filho único de Deus (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Cristologia	O Filho revela o Pai por conhece-lo intimamente
Jesus chama os primeiros discípulos — João 1: 35 – 42	Discípulos (João 1:37)	<i>Gr. Mathetes</i> — discípulos (STRONG, 2009)	Discipulado de Cristo — Cristologia	O Filho ensina sobre o Pai
Jesus chama os primeiros discípulos — João 1: 35 – 51	Mestre (João 1:38-39)	<i>He. Rabi</i> — <i>Gr. Didaskalous</i> — (STRONG, 2009)	Discipulado de Cristo — Cristologia	O Filho ensina sobre o Pai
Jesus chama os primeiros discípulos — João 1: 35 – 51	Mestre (João 1:43)	<i>Gr. Akoulotheos</i> — Acompanhe-me no meu caminho, ande comigo como discípulo. (STRONG, 2009)	Discipulado de Cristo — Cristologia	O Filho leva ao Pai

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
Jesus chama os primeiros discípulos — João 1: 35 – 51	Céu <-> anjos de Deus	<i>Gr. Ouranos &lt;-&gt; angelos theos — céu e mensageiros de Deus</i>	Revelação de Deus — dimensões espirituais	O Filho tem acesso à morada do Pai
A purificação do templo (João 2: 13-25)	Zelo	<i>Gr. Zelos — zelo, ciúme do esposo pela esposa, indignação</i>	Zelo pela fé	O Filho zela pela fidelidade no culto

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

Cada palavra trazida do original traz uma clareza de sentido e uma aproximação à imagem concreta que a gerou, ou seja, aprimora a figura que baseia a tematização, portanto, aprimora as possibilidades da representação.

Observemos a concentração nos temas da Cristologia e da Messianologia que traduzem explicitamente o objetivo geral do livro já expresso em João 20: 31: “[...] para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”.

#### 4. 2 Superclasse linguagem e simbologia bíblicas e seus hipertextos

Inclui as classes de linguagem e simbologia bíblica propriamente dita (figuras proféticas messiânicas e intertextualidade interna da bíblia); a História e a Geografia bíblicas; e os testemunhos de Jesus como o Cristo (de João Batista, dos seus discípulos, etc.).

#### 4.2.1 Classe temática das figuras originadas das profecias messiânicas cumpridas em Jesus

A figura que remetia a uma prática cultural atual à época mesclava-se às figuras da anunciação profética sobre o Cristo de Deus, que se cumpriam em Jesus. O Quadro 4, mostra um conjunto de figuras e temas que se evocavam a partir destas profecias:

**QUADRO 5 — Classe temática das figuras originadas das profecias messiânicas cumpridas em Jesus**

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
CAPÍTULO 1				
O testemunho de João Batista — João 1:19-28	Elias (João 1:21)	He. <i>Eliah</i> — Jeová é Deus (ver Malaquias 4:5; Mateus 11:13-15)	Precursor do Cristo — Cristologia <sup>2</sup>	João Batista é o precursor do Cristo, Jesus
O testemunho de João Batista — João 1:19-28	Elias (João 1:21)	He. <i>Eliah</i> — Jeová é Deus (ver Malaquias 4:5; Mateus 11:13-15)	Profecias messiânicas — Messianologia	Jesus é o cumprimento das profecias messiânicas
O testemunho de João Batista — João 1:19-28	O Profeta (João 1:21)	Gr. <i>Prophetes</i> / Orig. He. <i>nâbîy</i> <sup>1</sup> – revela mistérios ou fala sob inspiração divina (ver Deuteronômio 18:15)	Profecias messiânicas — Messianologia <sup>3</sup>	Jesus é o cumprimento das profecias messiânicas

<sup>2</sup> **Cristologia** — Pesquisa sobre o conjunto das características de Jesus Cristo, além de sua vida e ensinamentos.

<sup>3</sup> **Messianologia** — Estudo sobre a trajetória do Messias, desde a eternidade até o trono.

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
O Cordeiro de Deus é anunciado — João 1: 29 – 34	Batismo no Espírito Santo (João 1:33)	<i>Gr. Baptizo en Pneuma Hagios</i> — imerge no Espírito Santo. (ver Lucas 24:48-49; Atos 2: 1-4, 14-18; Joel 2: 28-32)	Batismo no Espírito Santo — Pneumatologia <sup>4</sup> + Cristologia	O Filho concede o Espírito do Pai aos homens
CAPÍTULO 2				
A purificação do templo (João 2: 13-25)	Destruição do santuário (João 2: 18)	<i>Gr. Luo nãos</i> — destruição do santuário — (ver Jonas 1:17; Mateus 12:40)	Morte de Cristo — Cristologia	O Filho entrega a vida ao Pai
A purificação do templo (João 2: 13-25)	Destruição do santuário (João 2: 18)	<i>Gr. Kai em trisin hemerais egero auton</i> — reconstrução do santuário (ver Jonas 1:17; Mateus 12:40)	Ressurreição de Cristo — Cristologia	O Filho recebe de volta a vida do Pai

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

<sup>4</sup> **Pneumatologia** — Estudo sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo como terceira pessoa da trindade divina.



Malaquias previu um pregador com a mesma função missionária de Elias (400 a. C.); Moisés previu um profeta que revelaria os segredos de Deus (1.200 a. C.); e João Batista viu o cumprimento de todas as promessas em Jesus. A própria discussão sobre o trabalho de João serviu de pano de fundo para gerar mais linhas no desenho do Filho de Deus. O autor do evangelho gerou mais traços do Cristo nas próprias dúvidas levantadas a partir do anúncio de João. Levantar as figuras do Profeta, do Elias e do Batismo no Espírito Santo apontou temas fundamentais na disciplina da Cristologia, Messiologia e Pneumatologia, que poderiam não ter sido elencado se não houvesse a linha disciplinadora da semântica discursiva entre as figuras e os temas. No capítulo 2, a autoridade do Cristo é afirmada sobre o seu poder sobre a morte ao retomar a vida na ressurreição. A figura do corpo como tenda do capítulo 1 se refina na figura do corpo como templo, uma vez que nEle habita o Espírito Santo, pois é O Ungido de Deus, o que foi testemunhado por João. O tema da morada de Deus transforma-se no desfecho da morte e ressurreição de Cristo no segundo capítulo. A semântica discursiva nos permite inclusive uma visão da evolução das figuras e aprofundamento da temática do texto.

#### **4.2.2 Classe temática das Figuras originadas da Geografia bíblica e suas características**

Há ainda as ocorrências específicas de figuras como lugares, que trazem consigo significados específicos, as quais tiveram uma significação representada em figuras, que representamos no quadro 7:

**QUADRO 6 — Classe temática das Figuras originadas da Geografia bíblica e suas características**

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
Jesus chama os primeiros discípulos — João 1: 35 – 51	Nazaré <-> coisa boa (João 1:46)	Gr. <i>Nazareth</i> <-> <i>agathos</i> — Nazaré <-> benefício	Preconceitos contra Jesus	O Filho corresponde às expectativas do Pai
<b>CAPÍTULO 2</b>				
O casamento de Caná (João 2: 1-12)	Caná da Galiléia	Gr. <i>Kana Galilaia</i> — “haste” e “Círculo dos gentios ou povos não judeus” — reduto dos povos não judaicos, chamados também de “odiados”. (DICIONÁRIO..., 1999) ver Isaías 9:1; Mateus 4:13-15	Cristo revela-se aos povos não judeus	O Filho veio para a salvação de todos os povos

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Quando uma profecia se refere a um lugar e aponta suas características 750 anos antes de seu cumprimento, não podemos considerar este lugar apenas como um lugar geográfico, mas como um lugar simbólico. Sendo assim, as características da Galiléia aqui descritas apontam o vislumbre da luz do evangelho pelos povos não judeus de todo o mundo, conforme a profecia bíblica. Outros locais são mencionados no livro, mas não possuem a força de figura, como Nazaré, em João 1: 46, por exemplo.

### 4.2.3 Classe temática das figuras geradas do testemunhar sobre Jesus como o Cristo

O quadro 5 reflete as figuras e temas gerados a partir do ato de testemunhar sobre Jesus como o Cristo, apontadas em João Batista:

**QUADRO 7 — Classe temática das figuras geradas do testemunhar sobre Jesus como o Cristo**

Narrativa	Figura		Tema	Discursivização
	português	Base da análise		
CAPÍTULO 1				
O Cordeiro de Deus é anunciado — João 1: 29 – 34	Existia antes de mim (João 1:29)	Gr. Ane protos mo — Era antes de mim. — Como filho de Maria, homem, ele era primo de João Batista e seis meses mais novo do que ele (ver Lucas 1: 24 – 26, 36)	Origem atemporal de Jesus — Cristologia	O Filho tem a natureza do Pai
O Cordeiro de Deus é anunciado — João 1: 29 – 34	Varão que tem a primazia (João 1:30)	Gr. Aner ho ginomai — “Este é Aquele de quem eu disse: depois de mim vem um homem que tem prioridade sobre mim [que assume o posto superior ao meu] [...]” (AMPLIFIED..., 1987, p. 1564, tradução nossa)	Precursor do Cristo — Cristologia	O Filho foi anunciado como o Cristo
O Cordeiro de Deus é anunciado — João 1: 29 – 34	Vi o Espírito [Santo] descer do céu (João 1: 32)	Gr. tetheamai. — eu afirmo que sou testemunha ocular em um júri do fato [de o Espírito Santo vir e permanecer sobre Ele] (ROBERTSON, 2015, p. 432)	Espírito Santo — Pneumatologia	O Filho tem o Espírito do Pai

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

As figuras da pré-existência, da encarnação e da unção de Jesus é gravada fortemente nestas palavras de João. Ao mesmo tempo em que características do Cristo são anunciadas nele, a sujeição do autor das declarações ao Rei fica clara. Ao mesmo tempo, remete ao anúncio de um reino do qual antes era a voz e agora, fundamenta uma mensagem em três argumentos iniciais que constituem a discursivização dos temas. Nesta classe, o anunciador e sua mensagem se separam em função de definir a mensagem, que é a revelação do Cristo.

### **4.3 As possibilidades da semântica discursiva para apoio da leitura e elaboração de resumos**

Vamos retomar as discursivizações das narrativas por capítulo, inserindo um quadro com as temáticas e discursivizações para perceber as possibilidades de uso da semântica discursiva como estratégia de leitura e resumo do texto. Percebemos que leitura pode ser apoiada plenamente pela discursivização, a construção de resumos informativos pelas figuras e resumos comentados pela associação dos temas — discursivização. Vamos tomar a narrativa mais densa dos trechos estudados, que é a do capítulo um, do verso um ao 18, sob o tema Deus se revela no filho como exemplo.

Observemos o quadro 6 a seguir, que descreve a sequência de figuras, temas e a discursivização relativa ao trecho de João 1: 1 – 18.

**QUADRO 8 — Figuras, temas e discursivização relativa ao trecho de João 1: 1 - 18**

Verso	Classe	Figura	Informação da classe	Tema	Discursivização
1	Idioma original	No princípio	Gr. <i>en archēi</i> / Orig. He. <i>be reshith</i> — forma de referir-se à criação e ao livro de Gênesis, literalmente, “Inícios”.	Origem atemporal de Jesus — Cristologia	O Filho tem a natureza do Pai
1	Idioma original	Verbo	Gr. <i>Logos</i> — algo que é dito; argumento; expressão divina visível à humanidade. Diferencia-se da revelação individual e interna de um homem que percebe e aceita Jesus, o Cristo como seu Senhor pessoal, que é a palavra <i>rhema</i> (STRONG, 2009).	Palavra de Deus — Cristologia	O Filho é a mensagem de Deus à humanidade
5	Idioma original	Trevas	Gr. <i>Skotia</i> — escuridão, ausência de luz (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Obscuridade	O Filho é rejeitado por alguns
7,9	Idioma original	Testemunha	Gr. <i>Martura</i> — prova judicial de algo e/ou testemunha. Uma testemunha em perjúrio estava sujeita a receber a mesma pena que tentava impor ao que acusava (STRONG, 2009; ver 2 Deuteronômio 19: 16-19)	Testemunho do Filho de Deus — messianologia	O Filho tem testemunhas da sua veracidade
7,9	Idioma original	Luz	Gr. <i>Phos</i> — manifestar algo através de raios luminosos (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Cristologia	O Filho é a mensagem de Deus a todos
14	Idioma original	Graça	Gr. <i>Charis</i> — disponibilidade para dar que atua internamente e se expressa em atos continuamente, independente do merecimento do recebedor; alegria; benefício (STRONG, 2009)	Caráter de Deus — Cristologia	O Filho tem o caráter do Pai
14	Idioma original	Verdade	Gr. <i>Aletheia</i> — verdade / veracidade (STRONG, 2009)	Caráter de Deus — Cristologia	O Filho tem o caráter do Pai

Verso	Classe	Figura	Informação da classe	Tema	Discursivização
14	Idioma original	Corpo	<i>Gr. Sarx</i> — corpo (STRONG, 2009)	Encarnação de Deus — Cristologia	O Filho de Deus foi feito homem
14	Idioma original	Corpo	<i>Gr. Sarx</i> — corpo (STRONG, 2009)	Origem atemporal de Jesus — Cristologia	O Filho tem a natureza do Pai
14	Idioma original	Glória	<i>Gr. Doxa</i> — glória visível, dignidade, honra, louvor, adoração (STRONG, 2009)	Poder de Deus Cristologia	O Filho tem o poder do Pai
17	Idioma original	Lei (princípio)	<i>Gr. Nomos</i> — norma; princípio (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Princípio da Lei	O Filho dá um novo princípio de relacionamento com o Pai, não o da Lei, mas o da graça
17	Idioma original	Graça (princípio)	<i>Gr. Charis</i> — disponibilidade para dar que atua internamente e se expressa em atos continuamente, independente do merecimento do recebedor; alegria; benefício (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Princípio da graça	O Filho dá um novo princípio de relacionamento com o Pai, não o da Lei, mas o da graça
18	Idioma original	Deus Unigênito	<i>Gr. Theos Monogenes</i> — filho único de Deus (STRONG, 2009)	Revelação de Deus — Cristologia	O Filho revela o Pai por conhece-lo intimamente

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

De início, podemos perceber que há, praticamente, outro texto sob a tradução em português pela concentração da categoria do **idioma original como produtor de figuras** neste trecho. Estas categorias só puderam ser descobertas através da aplicação da semântica discursiva. Certamente em outros trechos haverá predominância de outros tipos de figura, o que influenciará no caminho da tematização e da discursivização.

Ao tomarmos somente os **temas em sequência**, teremos a clareza da mensagem do autor: Jesus, é Deus, preexistente, feito homem, que veio revelar a graça de Deus como princípio de relacionamento entre Deus e o homem, substituindo o princípio da Lei e revelando o Seu caráter de graça e verdade com poder. A leitura é traduzida rapidamente na capacidade de compreender mais clara e precisamente a mensagem do texto. Assim, podemos dizer que a tematização na semântica discursiva pode ser utilizada muito além da leitura documental. Ao mesmo passo que a leitura se forma, um resumo informativo também pode ser levantado do texto.

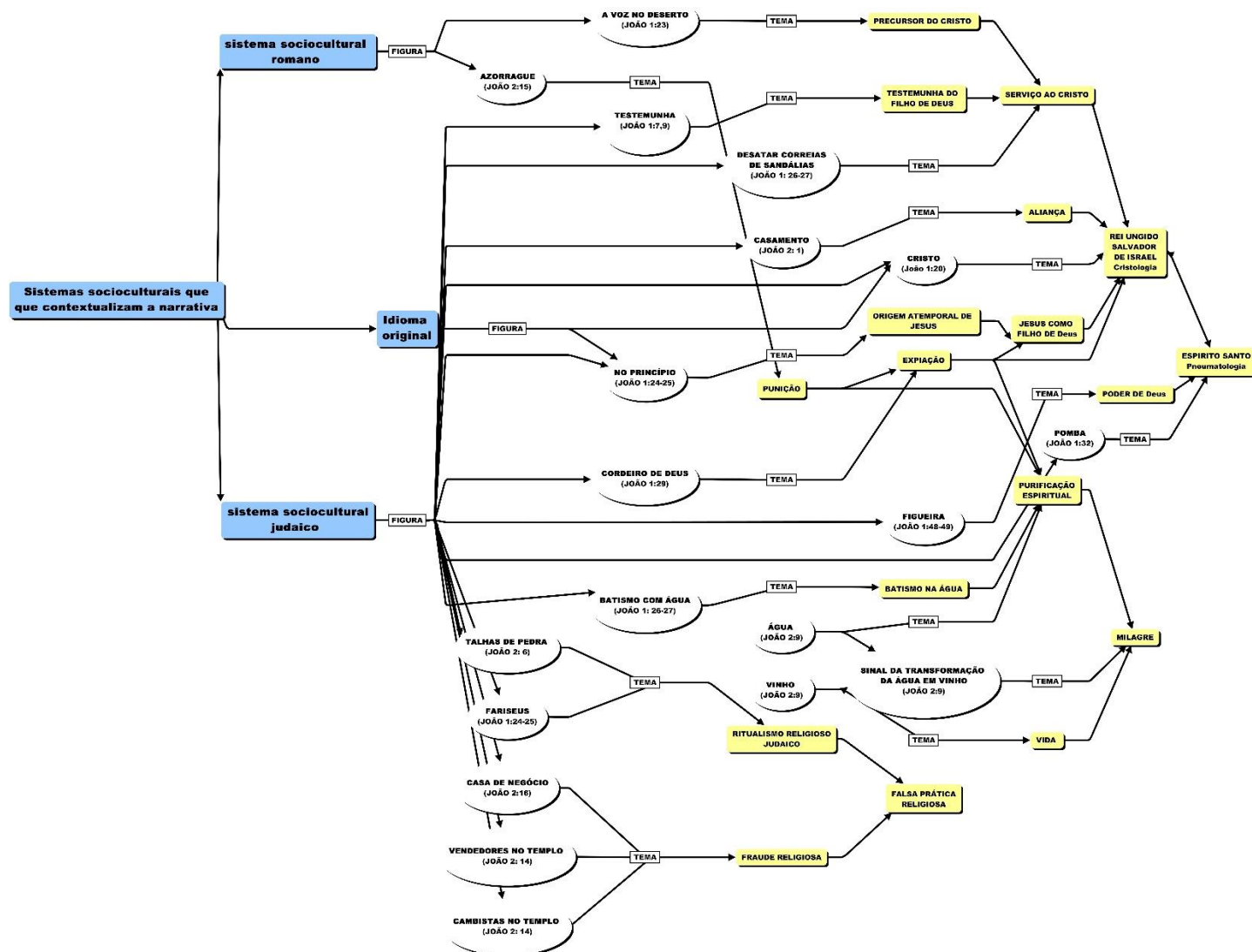
Seguindo o **caminho da discursivização**, já teremos praticamente um resumo comentado do texto: O Filho de Deus, tendo a natureza do Pai, é a mensagem de Deus à humanidade. É rejeitado por alguns, mas tem testemunhas da sua veracidade de ser a mensagem de Deus a todos. O Filho tem o caráter do Pai e é Deus foi feito homem. Além da natureza do Pai, tem o poder do Pai. O Filho veio dar um novo princípio de relacionamento com o Pai, não o da Lei, mas o da graça. O Filho revela o Pai e pode fazer isso por conhecê-lo intimamente.

Tanto em partes quanto no todo, esta análise em sequência e por partes de narrativa nos permitirá checar a coerência interna do texto e seu objetivo.

#### **4.4 A visualização da hierarquização dos temas através do mapeamento cognitivo**

Como um instrumento de representação da informação, os mapas cognitivos apoiam a visualização das relações entre as partes de um grupo de figuras e temas. Uma visão que pode ser utilizada para estudos posteriores do texto baseados na semântica discursiva. Apresentamos um exemplo desta relação de hierarquização e de relações entre as diversas figuras apresentadas nos capítulos estudados dessa forma na figura 2, na página a seguir:

FIGURA 2 — Mapa cognitivo da superclasse relativa aos sistemas socioculturais que contextualizam a narrativa



Fonte: dados da pesquisa, 2016



No mapa cognitivo acima os tipos de classe de figuras e temas dentro da superclasse relacionada ao ambiente sociocultural no entorno da obra foram representados da seguinte forma:

- As classes específicas foram apresentadas em quadros com bordas arredondadas na cor azul;
- As figuras em símbolos ovais brancos sem contorno, apenas com sombra; e
- Os temas em quadros amarelos de bordas arredondadas, também sem contorno.

Assim, podemos facilmente observar que, os temas podem ser visualizados nas formas das relações de correlação ou subordinação, aglutinando as ideias em grupos gerais, que culminam em ideias do sobrenatural: como o Rei Ungido (Cristo); o Espírito Santo (o que unge); milagre (a ação da unção); e o oposto, na prática religiosa falsa ou ritualista. As ideias centrais dos dois capítulos emergem do encadeamento e do relacionamento dos temas trazendo clareza ao conteúdo para qualquer dos fins anunciados anteriormente: geração de produto informacional, leitura e/ou escrita.

## 5 Considerações

A aplicação da semântica discursiva enquanto metodologia de representação da informação nos rendeu gratas surpresas em termos da possibilidade de criação de categorias de representação de textos bíblicos, a saber, conforme as figuras as originaram-se dos componentes socioculturais da narrativa (da cultura judaica; das simbologias em rituais da lei cerimonial e civil judaicas; dos costumes romanos e da língua original — grego e/ou hebraico) e da intertextualidade e hipertextualidade da bíblia (das profecias messiânicas cumpridas em Jesus; do testemunhar sobre Jesus como o Cristo; ou da Geografia e História bíblicas e suas características).

O uso desta metodologia permitiu-nos também perceber a coerência interna entre o objetivo geral descrito pelo autor e as partes estudadas neste trabalho (o primeiro e o segundo capítulos), demonstrando suas possibilidades de apoio à leitura e à revisão da escrita. A tematização mostrou-se eficaz para basear um resumo informativo e a discursivização como resumo ampliado das ideias centrais do texto. Evidenciando a elasticidade que esta metodologia pode oferecer.

A metodologia aplicada permitiu também uma ampliação das possibilidades de compreensão do texto religioso (apoando a exegese), trazendo um resgate do contexto sociocultural e das intertextualidades e hipertextualidades que o texto exige, assim como possibilita a construção de novos produtos informacionais que inexistem no mercado, que ultrapassam as características lexicais dos dicionários, trazendo tanto o lado concreto, quanto o abstrato dos sentidos do texto, mantendo a conexão entre ambos, sem perder de vista o espaço-tempo da narrativa, que construiu o pano de fundo da elaboração do texto original. Tais produtos de informação, que podem ter estruturas completamente novas em relação aos conhecidos, poderão agregar tanto os temas quanto as figuras e a discursivização do texto, permitindo uma largueza de recuperação, que não está disponível, hoje, nos materiais informacionais da área citados na proposição da pesquisa.

Dessa forma, somos animados a um investimento no sentido de completar a análise do livro como um todo, haja vista às possibilidades da sua utilidade para os estudiosos do texto bíblico canônico.

## Referências

**AMPLIFIED BIBLE:** *captures the full meaning behind the original greek and hebrew.* La Habra, CA, USA: Zondervan Corporation, 1987.

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Representação temática da informação na literatura de cordel.** Curitiba: Appris, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1979.

**BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA NVI:** Faça uma jornada através da vida e dos tempos bíblicos. São Paulo: Vida, 2013.

**DICIONÁRIO DA BÍBLIA DE ALMEIDA.** 2 Ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

KARCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi (Eds). **Dicionário da bíblia de Almeida.** 2 Ed. São Paulo: Barueri, 1999.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald; HOUSE, Harold (Eds). **O novo comentário bíblico do novo testamento com recursos adicionais:** a palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População residente, religião outras religiosidades cristãs.** Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

KOBASHI, Nair Yumiko. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **Datagrama Zero**, v. 8, n. 10, dez. 2007.

McDOWELL, Josh. **Evidência que exige um veredito:** evidências históricas da fé cristã. São Paulo: Cadeia, 1996.

MELO, Joel Leitão de. **Sombras, tipos e mistérios da Bíblia.** Rio de Janeiro: CPAD, 1989.

MYERS, Rick. **E-Sword.** Franklin, TN, USA: Rick Meyers, 2016. [software gratuito disponível em <<http://www.e-sword.net/files/setup1106.exe>>].

PEIRCE, Charles Sanders **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RICHARDS, Alistair. **Best-selling book of non-fiction**. Londres: Guinness World Records, 2016. Disponível em: <<http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/best-selling-book-of-non-fiction/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Oldest mechanically printed book**. Londres: Guinness World Records, 2016. Disponível em: <<http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/oldest-mechanically-printed-book>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Most expensive book (at auction)**. Londres: Guinness World Records, 2016. Disponível em: <<http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/most-expensive-book-sold-at-auction>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Word Pictures in the New Testament: the fourth gospel and the epistle of hebrews**. V. 5. 25 Ed. [S. l.]: Aeterna Press, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

STRONG, James. ***The exhaustive concordance of the bible: showing every word of the text of the common English version of the canonical books and every occurrence of each wor in regular order; toghether with Dictionaries of the hebrew and greek words of the original, with references to the English words***. Iowa falls, Iowa, EUA: AMG Publishers, 2009

TAMBA-MECZ, Irene. **A semântica**. São Paulo: Parábola, 2006.

TENEY, Merrill. **O novo testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

WIERSBE, Warre12.17n. **Comentário Bíblico expositivo: novo testamento 1**. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006)